



## A religião por um olhar freudiano

Tiago Augusto Franco de Vasconcelos Souza

**Resumo:** O criador da psicanálise, Sigmund Freud, tratou em diversos textos de sua trajetória científica o tema da religião. Ela foi associada a diversas elaborações teóricas a partir de análises de seus pacientes que viam com questões associadas ao assunto. Esta publicação tem como objetivo ressaltar alguns dos principais postulados do autor dentro do tema, iniciando pelo primeiro texto que Freud escreveu a respeito (1907), associando as neuroses obsessivas às práticas religiosas e passando por outros escritos nos quais o pai da psicanálise evoluiu seu pensamento na relação da religião com a psicologia.

**Palavras-chave:** Religião; Psicanálise; Freud; Sexualidade.

**Abstract:** The creator of psychoanalysis, Sigmund Freud, treated in several texts of his scientific career the subject of religion. It was associated with several theories developed from analyzes of their patients they saw with issues associated with the subject. This publication aims to highlight some of the main postulates of the author within the theme, starting with the first text that Freud wrote about (1907), associating the obsessional neuroses to religious practices and through other writings in which the father of psychoanalysis evolved his thinking the relationship of religion and psychology.

**Keywords:** Religion; Psychoanalysis; Freud; Sexuality.

### 1. Introdução

“Quão invejáveis, para aqueles de nós que são pobres de fé, parecem ser aqueles investigadores que estão convencidos da existência de um Ser Supremo!”  
(Freud, em Moisés e o Monoteísmo)

O estudo da psicanálise com o olhar voltado para as religiões dá à luz a inúmeras compreensões teóricas e ricas discussões sobre as principais formulações freudianas. Questões como o infantilismo, o complexo de Édipo, a neurose obsessiva, a civilização e o complexo de

castração são alguns exemplos da relação que a religião dispõe como pano de fundo da vasta teoria psicanalítica.

Antes de fazer um aprofundamento teórico no pensamento freudiano é importante buscar entender o conceito histórico da palavra “religião”. Este conceito é abrangente e complexo; só o psicólogo da religião James Leuba (1867-1946), no início do século XX tinha reunido quase cinquenta definições diferentes de “religião”. No presente trabalho, partirei de algumas vertentes etimológicas para trabalhar em cima de uma linha uniforme em alguns escritos que Freud se dedicou em sua vida sobre o tema.

Lactâncio, escritor e orador cristão do século III/IV, afirmou que a palavra “religião” deriva do latim *religio*, de *religare* – ligar de novo, amarrar, levar de volta. Santo Agostinho (354-430) também adotou essa definição e descreveu a *religio vera* (religião verdadeira) como aquela que é orientada pelo zelo de reconciliar e “ligar de volta” a alma que se afastou de Deus ou se desgarrou dele. Para os romanos, ela trazia um aspecto da exatidão ritual, da atuação correta no ato religioso. Cícero (106-43 a.C.) definiu *religio* como “culto/adoração aos deuses”.

Há milênios, a humanidade procura esclarecer a relação entre o psiquismo e a religião. O psicólogo e cientista da religião, Edênio Valle, afirma que

“do ponto de vista da complexidade da ‘alma humana’ em sua busca de sentido, não há por que se admirar de que as ciências da religião, em especial, encontrem dificuldades para chegar a um acordo sobre sua definição e seu objeto”.<sup>1</sup>

Para ele, a religião no ângulo da psicologia, deve ser compreendida como uma “atitude”, isto é, “como uma maneira de ser diante de alguém ou algo”.<sup>2</sup>

Freud encarava seu judaísmo de uma forma étnica e não ritualística ou praticante; um dos fatos biográficos mais importantes que comprova essa afirmação, foi sua cremação em 1939, ato totalmente contrário aos preceitos de um judeu ortodoxo.

## 2. Atos obsessivos e práticas religiosas

Separar a carne do leite, descansar em um determinado dia da semana, não pegar elevador, pular sete ondas, orar em horários rígidos (seja lá o que esteja fazendo), viver só de água até o pôr do sol de um determinado dia, curvar-se para o leste, sacrificar animais ao som de tambores, tomar banhos com determinadas ervas e sais; estes são alguns exemplos de rituais usados nas maiores religiões do ocidente.

.....

<sup>1</sup> VALLE, Edênio. *A psicologia da religião*, p.123. In: *O espectro disciplinar da Ciência da Religião*, Paulinas. 2007.

<sup>2</sup> *Ibid.*, p. 131.

Escrito e publicado em 1907, o texto *Atos Obsessivos e Práticas Religiosas* de Sigmund Freud mostra o início do criador da psicanálise diante dos estudos da religião ligado às neuroses, neste caso específico, a obsessiva. As ideias contidas nele foram de extrema importância para o desenvolvimento, cinco anos depois, de *Totem e Tabu*, onde será abordado mais adiante. Segundo o autor,

“as pessoas que praticam atos obsessivos ou cerimoniais pertencem à mesma classe das que sofrem de pensamentos obsessivos, ideias obsessivas, impulsos obsessivos e afins. [...] O próprio paciente não as julga diversamente, mas é incapaz de renunciar a elas, pois a qualquer afastamento do cerimonial manifesta-se uma intolerável ansiedade, que o obriga a retificar sua omissão”.<sup>3</sup>

Neste momento (1907), Freud ainda não havia formulado a teoria do complexo de Édipo e associa esses atos obsessivos às experiências mais íntimas dos pacientes, principalmente as sexuais. Eles (os atos) servem para expressar ideias inconscientes recalcadas e que o sentimento de culpa desses neuróticos corresponde ao fato de que no fundo suas práticas religiosas são medidas de defesa aos pecados cometidos na realidade em si ou simplesmente na realidade psíquica. Como as medidas de defesa muitas vezes falham e tornam-se insuficientes contra a tentação, surge uma característica clara das religiões cristãs, as proibições e os mandamentos. Dessa forma,

“um cerimonial é um conjunto de condições que devem ser preenchidas, da mesma forma que uma cerimônia matrimonial da Igreja significa para o crente uma permissão para desfrutar os prazeres sexuais, que de outra maneira seriam pecaminosos”.<sup>4</sup>

Freud afirma que as recaídas no pecado são mais comuns nos piedosos do que nos neuróticos obsessivos, o que explicaria os atos de penitência, totalmente alinhados aos rituais típicos dessa neurose.

Concluindo a questão, o autor assinala que a compreensão desse quadro se dá quando um descolamento psíquico, descoberto inicialmente na construção dos sonhos, domina os processos mentais da neurose obsessiva, ou seja, “a substituição de um elemento real e importante por um trivial – por exemplo, do marido pela cadeira”.<sup>5</sup> Diante disso, Freud esboça em poucas linhas um pensamento sobre a relação indivíduo-neurose-religião-sociedade que será aprofundado em 1927 com *O Futuro de uma Ilusão*, aludindo a neurose como uma religiosidade individual e a religião como uma neurose obsessiva universal.

.....  
<sup>3</sup> FREUD, Sigmund. *Atos Obsessivos e Práticas Religiosas* (1907), p.109. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Vol. IX. Imago. 1996.

<sup>4</sup> Ibid., p. 115.

<sup>5</sup> Ibid., p. 116

### 3. Totem e Tabu

“Os desejos sexuais não unem os homens, mas os dividem.”

#### Freud, em Totem e Tabu

*Totem e Tabu*, diferentemente do texto visto acima, foi escrito em uma fase (1912-1913) na qual Freud já havia postulado a teoria do complexo de Édipo e estava intencionado a correlacionar os estudos psicanalíticos com a cultura e a antropologia social.

A obra é dividida em quatro partes e me deterei na discussão da quarta parte (O retorno do totemismo na infância). Antes de estruturar a teoria, é importante entender o conceito de totem, que é explicado por Freud na primeira parte da obra da seguinte forma: “O que é totem? Via de regra é um animal (comível e inofensivo, ou perigoso e temido) e mais raramente um vegetal ou um fenômeno natural (como a chuva ou a água), que mantém relação peculiar com todo o clã.”<sup>6</sup> Segundo Frazer, “o totem protege o homem e este mostra seu respeito por aquele de diversas maneiras, não o matando, se for um animal; não o cortando, nem colhendo, se for um vegetal”<sup>7</sup>, o que não é totalmente verdade quando Freud escreve sobre o assassinato do animal em determinadas ocasiões específicas, gerando uma refeição totêmica e a introjeção simbólica daquilo que é idolatrado no animal em cada pessoa do clã. Essa refeição seria uma repetição de diversos atos da humanidade como o da organização social, das restrições morais e da religião.

Freud faz uma relação entre o totemismo e a teoria do complexo de Édipo, ainda pensamento especificamente no menino e sua relação hostil com o pai pela sua rivalidade na disputa do amor materno. Segundo seu mito totêmico associado à teoria, a criança se aliviará do conflito ambivalente (amor e ódio) com esse pai deslocando seus sentimentos hostis para um substituto daquele, no caso o animal. Mesmo assim, o deslocamento não dá fim ao conflito, só estende a ambivalência ao animal podendo gerar fobia do mesmo, como no caso do pequeno Hans. Freud não tinha dúvida de que Hans não tinha só medo de cavalos, mas também admiração e interesse. Sua saída do Édipo, ou seja, sua escolha em ficar com o pênis ao invés da mãe é deslocada para uma fobia, que por razões particulares do garoto Hans, nos cavalos. Freud conclui dizendo que “pode-se com justiça dizer que nessas fobias de crianças reaparecem algumas das características do totemismo, mas invertidas para o negativo.”<sup>8</sup>

.....  
<sup>6</sup> FREUD, Sigmund. *Totem e Tabu e outros trabalhos*, p. 22.

<sup>7</sup> Ibid., p. 111.

<sup>8</sup> Ibid., p. 135.

A saída do Édipo é uma escolha que o menino faz em perder a sua mãe, mas não o seu pênis, base esta do complexo de castração, que segundo Freud explicaria todos os tipos de angústias e fobias futuras no ser.

Voltando ao assassinato do totem, o ódio ao pai representava um obstáculo às pulsões sexuais, e ao assassinar a representação desse pai da horda, surgia um sentimento de culpa (o neurótico se culpa pelo desejo, não pelo ato) tornando o pai morto mais forte do que fora vivo, fazendo dessa forma o nascimento da religião totêmica. “Conseqüentemente, o simples impulso hostil contra o pai, a mera existência de uma *fantasia* – plena de desejo de matá-lo e devorá-lo, teriam sido suficientes para produzir a reação moral que criou o totemismo e o tabu”.<sup>9</sup>

Um apontamento mais aprofundado na questão da culpa e a caracterização do neurótico pela preferência da realidade psíquica à concreta. Os neuróticos obsessivos não estão apenas se defendendo da moralidade excessiva através da realidade psíquica, a realidade histórica tem um papel contributivo na questão. A fase perversa na infância (perversão polimorfa), que segundo o autor, todas as crianças passam, é transformada em uma moralidade excessiva na vida adulta dependendo do grau de impotência que essa criança teve diante da realização de seus desejos na infância. Sabe-se que a culpa será postulada posteriormente no segundo dualismo pulsional (pulsão de vida x pulsão de morte). Vale lembrar que o desejo não morre nunca, aquilo que eu quis, eu posso querer de novo e a qualquer momento.

Todas as religiões posteriores, segundo Freud, são tentativas de resolver o mesmo problema, o remorso inconsciente vivido na fase edípica com o desejo da morte daquele que é um rival e um amor ao mesmo tempo. “Os começos da religião, da moral, da sociedade e da arte convergem para o complexo de Édipo”<sup>10</sup>, o que faz total ligação com a teoria de que o complexo é a origem de todas as neuroses, inclusive a religião, neurose coletiva na visão freudiana.

Assim, a estrutura psíquica do neurótico fará as seguintes relações na saída edípica:

IMAGINÁRIO	SIMBÓLICO
FANTASIA	MITO
TOTEM	TABU
EGO IDEAL	IDEAL DE EGO
RELIGIÃO	CULTURA

<sup>9</sup> Ibid., p. 161.

<sup>10</sup> Ibid., p. 158.

## 4. O FUTURO DE UMA ILUSÃO

“Se pudesse tomar a mulher que se quisesse como objeto sexual; se fosse possível matar sem hesitação o rival ao amor dela ou qualquer pessoa que se colocasse no caminho, e se, também, se pudesse levar consigo qualquer dos pertences de outro homem sem pedir licença-, quão esplêndida, que sucessão de satisfações seria a vida! É verdade que logo nos deparamos com a primeira dificuldade: todos os outros têm exatamente o mesmo desejo que eu, e não me tratarão com mais consideração do que eu os trato.”

### Freud, em O Futuro de uma Ilusão

De 1913, damos um salto para 1927 no texto “O Futuro de uma Ilusão”. No terceiro capítulo da obra, Freud lança uma questão interessante como ponto de partida: “Em que reside o valor peculiar das ideias religiosas?”<sup>11</sup> Claro que é uma questão ampla e com diversas possibilidades de respostas, até mesmo para o autor. Nesta obra, a tarefa de Deus é colocada no objetivo de “nivelar os defeitos e os males da civilização (e) assistir os sofrimentos que os homens infligem uns aos outros em sua vida em conjunto.”<sup>12</sup>

O homem procura tornar tolerável o seu desamparo, construído através da própria infância e da infância da raça humana. Freud dirá que essas ideias os protegerá em dois sentidos: contra os perigos do destino e da natureza e contra os danos que a sociedade humana pode causar. Esse desamparo do homem está pareado com seu anseio pelo pai e pelos deuses.

No capítulo seguinte (IV) é interessante que Freud faz um monólogo onde pergunta e responde pra si de uma forma provocativa e ambivalente aquilo que foi escrito anteriormente, como por exemplo, em *Totem e Tabu*, respondendo de uma forma relaciona as suas ideias atuais. Ele diz que em *Totem e Tabu* não pretendia escrever sobre a origem da religião, mas apenas do totemismo – “as proibições contra o assassinato e o incesto.”<sup>13</sup>

No capítulo VI, Freud fala sobre o segredo da residência da força religiosa, trazendo a questão do infantilismo ligado aos religiosos adultos. O desamparo infantil desperta necessidade de proteção e a necessidade de uma ligação ao pai persiste por toda a vida, só que desta vez um pai mais poderoso.

.....  
<sup>11</sup> FREUD, Sigmund. *O Futuro de uma Ilusão*, p. 24.

<sup>12</sup> Ibid., p. 27.

<sup>13</sup> Ibid., p.32.

Freud identifica as doutrinas religiosas como ilusões e que a insegurança da vida é um perigo de igual dimensão a todos e que a proibição do homicídio foi emitida por Deus. A religião seria a neurose obsessiva da humanidade, assim como a neurose obsessiva da criança surge do complexo de Édipo e sua relação com o pai, neste caso o “não-todo-poderoso”.

O autor acredita que o infantilismo religioso será superado no período de evolução histórico e que vivemos um progresso de ‘educação para a realidade’ e disseminação das ilusões. Ia fazer um questionamento pessoal se essas não seriam as ilusões do próprio Sigmund Freud, mas não foi preciso, no final desta obra ele mesmo se questiona: “Sei como é difícil evitar ilusões; talvez as esperanças que confessei também sejam de natureza ilusória.”<sup>14</sup>

## 7. Bibliografia

- FREUD, Sigmund. *Atos Obsessivos e Práticas Religiosas (1907)*. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Vol. IX. Imago. 1996.
- \_\_\_\_\_. *O Futuro de Uma Ilusão (1927)*. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Vol. XXI. Imago. 1996.
- \_\_\_\_\_. *Moisés e o Monoteísmo (1939)*. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Vol. XXIII. Imago. 1996.
- \_\_\_\_\_. *Totem e Tabu (1913)*. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Vol. XIII. Imago. 1996.
- HOCK, Klaus. *Introdução à Ciência da Religião*. São Paulo: Loyola, 2010.
- MORANO, Carlos Domínguez. *Orar Después de Freud*. Buenos Aires: Editorial Didajé, 2010.
- VALLE, Edênio. *A Psicologia da Religião*. In: *O Espectro Disciplinar da Ciência da Religião*. São Paulo: Paulinas, 2007.

Recebido: 16/05/2014

Aprovado: 13/08/2014

.....  
<sup>14</sup> Ibid., p.60.